

*O nome do filósofo cuja vida se extinguiu durante a fuga aos polícias hitlerianos foi adquirindo uma auréola nos quinze anos que decorreram desde a sua morte, apesar do carácter esotérico dos seus primeiros trabalhos e do carácter fragmentário dos últimos. O fascínio pela sua pessoa e œuvre leva inevitavelmente a uma atracção magnética ou a uma defesa estremecida. Sob o olhar das suas palavras tudo se transforma como se se tornasse radioactivo. Mas a sua capacidade de distinguir constantemente novos aspectos das coisas — não tanto pelo processo que consiste em romper criticamente as convenções como pelo de relacionar-se com o objecto de acordo com a sua organização interna, como se a convenção nenhum poder tivesse sobre ele — não pode apreender-se seriamente através do conceito de originalidade. Nenhum pensamento original desse homem inesgotável se assemelha a algo sem mistura. O sujeito que de facto acolheu todas as experiências originárias sobre as quais a actual filosofia oficial se limita a dissertar com eloquência não parecia participar dessas experiências. Também ao seu estilo falta, em geral, o aspecto da espontaneidade e cintilação no sentido tradicional destes conceitos, e, muito particularmente, a arte da formulação instantânea e definitiva. Não dava a impressão de ser uma pessoa que conquistasse a verdade criando-a e pensando-a, antes a citava através do pensamento como se este fosse um supremo instrumento no qual a verdade deixara o seu sedimento. Benjamin nada possuía de filósofo no sentido tradicional e de acordo com os critérios tradicionais. O que caracterizou as suas descobertas não foi sequer uma disposição viva e «orgânica»: nenhuma imagem pode errar tão completamente o seu ser como a metáfora do criador. A subjectividade do seu pensamento era exagerada até à caricatura, até à diferença específica; o momento idiossincrático do seu próprio espírito, o que era singular nele — o que no processo filosófico tradicional seria o casual,*

*o efêmero e nulo — era um recurso construtivo. A frase de acordo com a qual o conhecimento individual é o mais universal parece ter sido feita a pensar nele. Se não se desse o caso de nesta era de radical divergência entre a consciência social e a científico-natural toda a metáfora física ser profundamente suspeita, poderia dizer-se que nele operava a energia de uma decomposição atômica intelectual. Diante da sua insistência dissolvia-se o indissolúvel e Benjamin apoderava-se da essência das coisas precisamente nos pontos em que o muro da simples facticidade esconde e defende raivosamente tudo o que é essencial. Falando de modo esquemático, pode dizer-se que aquilo que o motivava era o impulso para romper com a lógica que se limita a bordar o particular com o universal ou a abstrair o universal do individual. Benjamin queria compreender a essência sem a destilar com operações automáticas e sem a contemplar em duvidoso êxtase imediato: adivinhá-la metodicamente, partindo da configuração de elementos distantes da significatividade. A adivinhação era o modelo da sua filosofia.*

*A sua suave irresistibilidade vai a par de uma premeditada e planejada singularidade. A sua irresistibilidade não está no afã de produzir um efeito mágico, nem na «objectividade», no sentido de uma simples submersão do sujeito em tais climas. Resulta antes de um rasgo que a especialização e a divisão do espírito, em geral, só permitem na arte e que, transformado em teoria, se liberta da aparência e adquire uma incomparável dignidade: a promessa de felicidade. Tudo aquilo que Benjamin disse e escreveu soa como se o pensamento recolhesse as promessas dos contos e dos livros infantis em vez de as recusar em nome de uma depreciativa maturidade de adulto; tão literalmente que torna até perceptível o pleno cumprimento real do conhecimento. O que desde o início é fundamentalmente recusado na sua topografia filosófica é a renúncia. Falar com ele era sentirmos como a criança que vislumbra, pelas frestas da porta, as luzes da árvore de Natal. Mas a luz prometia também, como luz da razão, a própria verdade e não o seu mero brilho impotente. O pensamento de Benjamin não era uma criação a partir do nada, mas uma oferta a partir da plenitude; ele queria devolver-nos a satisfação que a adaptação e a autoconservação impedem de ter, o prazer em que se articulam os sentidos e o espírito. No seu estudo sobre Proust destaca como motivação desse artista, a ele ligado por electiva afinidade, a exigência de felicidade e seria difícil errar se procurássemos aí a*

*origem de uma paixão a que se devem duas das mais perfeitas traduções realizadas em língua alemã: a de À l'ombre des jeunes filles en fleurs e de Le côté de Guermantes. Mas tal como em Proust a exigência de felicidade extrai o seu ritmo profundo da intolerável densidade da novela da desilusão, mortalmente consumada em À la recherche du temps perdu, assim também a fidelidade de Benjamin à felicidade que lhe é negada foi paga com uma tristeza de que a história da filosofia possui tão poucos exemplos como a Utopia de um dia sem nuvens. Benjamin tem com Kafka o mesmo grau de parentesco que com Proust. Motto da sua metafísica poderia ser a frase de que existe infinita esperança, mas não para nós, se acaso Benjamin alguma vez se tivesse rebaixado a escrever uma frase desse tipo. Não é por acaso que o centro do mais desenvolvido dos seus livros — o livro sobre o barroco — esteja na construção da tristeza como última alegoria de transmutação: a alegoria da salvação. A subjectividade que se precipita no abismo das significações «faz-se formal garantia do milagre, porque anuncia a própria acção divina». Em todas as suas fases Benjamin pensou simultaneamente o ocaso do sujeito e a salvação do homem. Isso define o arco macrossômico de cujas microcósmicas figuras esteve sempre suspenso.*

*Pois aquilo que é característico da sua filosofia é o seu tipo de concreção. Do mesmo modo que o seu pensamento procura esquivar-se, com renovados esforços e pontos de partida, ao pensamento classificativo, assim também o nome das coisas e dos homens é para ele o protótipo de toda a esperança: a sua reflexão procura reconstruir um tal nome. Neste aspecto parece coincidir com toda a tendência geral contrária ao idealismo e ao epistemologismo, que exigia que se alcançassem «as coisas em si» em vez da sua forma mental e que encontrou a sua expressão académica na fenomenologia e nas tendências ontológicas dela derivadas. Mas a posição de Benjamin perante as oficiosas ideologias actuais do concreto mostra como as diferenças decisivas entre filósofos se disfarçam sempre de matizes, e como o mais irreconciliável é aquilo que parece semelhante. Benjamin penetrou na máscara dessas ideologias do concreto e descobriu por detrás delas a face do conceito extraviado, do mesmo modo que repeliu o conceito existencial-ontológico da história como mero produto de destilação de uma dialéctica histórica evaporada. A crítica e compreensão do último Nietzsche, para o qual a verdade não é idêntica ao universal atemporal, apenas o histórico dando estrutura ao abso-*